

# A dialogação: a práxis do diálogo inter-religioso no paradigma ecológico\*

Paulo Agostinho Nogueira Baptista\*\*

## RESUMO

O artigo procura responder a um dos grandes desafios teológicos da atualidade: o diálogo inter-religioso. Trabalha a dimensão da práxis do diálogo, especialmente, no pensamento de Leonardo Boff, identificado a partir de 1992 em um novo paradigma – o paradigma ecológico. A dialogação (como práxis dialógica) é pensada num grande encontro teoantropocósmico, articulando Deus, Ser humano e Natureza. Três momentos compõem essa práxis dialógica: dialogação mística ou espiritual; dialogação fraterna; e a ética da vida. Não são três momentos separados. Articulam-se e estão interconectados. Começam e terminam com a mística, expressam-se no estar-com-o-outro, na fraternidade e nos critérios de pensar e agir eticamente.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso; Práxis; Mística; Fraternidade; Ecologia; Ética.

O DIÁLOGO inter-religioso é um dos grandes desafios atuais. A reflexão teológica sobre essa importante forma de diálogo encontrou no fértil solo do Concílio Vaticano II o lugar e o clima para se desenvolver. O Papa João Paulo II, que em maio de 2003 completou 83 anos, aproximando-se de realizar sua viagem internacional de número 100, seguindo as pegadas deixadas pelo Concílio, realizou tantos gestos em favor do diálogo inter-religioso como nenhum outro Pontífice: os encontros inter-religiosos pela Paz em Assis, a visita à Terra Santa, além de seus inúmeros discursos, homilias e documentos. “Que todos sejam um”, a oração de Jesus ao Pai, no Evangelho de João (Jo 17, 21), é o título de sua Carta Encíclica *Ut unum sint*, na qual ele insiste no

\* O artigo se baseia em parte do 3º capítulo de BAPTISTA (2001).

\*\* Doutorando em Ciência da Religião – UFJF – Prof. de Cultura Religiosa – PUC Minas.

<sup>1</sup> Para aprofundamento sobre o conceito práxis, cf. KO-SIK (1976, p. 201-202); VASQUEZ (1968, p. 373-404).

É importante também o texto de OLIVEIRA (1995, p. 61-84). Oliveira afirma que “a experiência originária do homem sobre si mesmo é o experimentar-se como incumbência, como ‘obra’ a realizar-se na infinitude de suas relações pela mediação da urdidura histórica de seu agir. O homem é, neste sentido, especialíssimo, ‘práxis’, ou seja, efetivação, concretização, posição de algo que não é ainda, a conquista trabalhosa de uma identidade a partir de diferenças, o tornar-se do que ainda não é. Práxis é, assim, a forma de vida que busca conquistar a humanização plena do homem: é precisamente na práxis que o homem, através de obras históricas em todas as dimensões de seu ser, atinge a efetivação de seu ser, que se faz e se exprime através delas [...] como um dever-se” (p. 62). Outra importante referência é VAZ (1988, p. 85-102). Vaz diz que práxis, em sua “significação primordial, diz respeito, de um lado, ao ato do sujeito, ao seu realizar-se na ação e pela ação e, de outro, à perfeição ou excelência que o ato tem em si mesmo” (p. 86).

<sup>2</sup> De forma sumária, pode-se dizer que a

“empenho ecumênico” e no diálogo: “O diálogo é a passagem obrigatória do caminho a percorrer para a auto-realização do homem”, tanto do indivíduo como de “cada comunidade humana” (JOÃO PAULO II, 1995, p. 36). E citando o Papa Paulo VI, em *Ecclesiam suam*, diz que o “diálogo não é apenas uma troca de idéias; de algum modo, é sempre um ‘intercâmbio de dons’” (JOÃO PAULO II, 1995, p. 36).

O diálogo como “intercâmbio de dons” deve produzir também uma práxis dialogal. E tal práxis se torna mais do que urgente a cada dia, principalmente, diante de tantas mudanças, problemas, conflitos e desafios que o mundo está vivendo. Mas deve ser uma práxis fundada noutra paradigma, que possa atingir e incluir a tudo e todos, também as religiões, e produzir um verdadeiro diálogo inter-religioso.

A práxis é a ação que se faz iluminada pela razão. É um fazer reflexo, que é consciente da dialética pensar-agir. É a maneira como o ser humano expressa seu ser, se constrói.<sup>1</sup> Ela é passo fundamental no método teológico inaugurado na Igreja Latino-americana, através da Teologia da Libertação,<sup>2</sup> trazendo raízes da Ação Católica.<sup>3</sup> E esse método não muda no pensamento de Leonardo Boff, a partir de 1992, com o advento, em sua teologia, do paradigma ecológico.<sup>4</sup> Esse paradigma, que começa a ganhar espaço na consciência e na ação de pessoas e grupos, sinteticamente, significa a emergência de uma nova consciência, “nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações [...] nova sensibilização para com o planeta como um todo” (BOFF, 1995, p. 33; 1995a, p. 29). E ele propõe uma nova práxis que desafia também as diversas formas religiosas. Começa por uma nova concepção da relação entre Deus, ser humano e natureza, que chamamos de “teoantropocósmica”.<sup>5</sup> E essa é a grande questão a que este artigo procura responder: quais são as perspectivas de diálogo inter-religioso no paradigma ecológico de Leonardo Boff? Ou ainda: que práxis dialogal essa nova consciência teoantropocósmica pode propiciar?

Buscando respostas a essa questão, primeiramente, refletiremos sobre a oração e a mística, elo inicial da religião que coloca os interlocutores abertos e acordes para sintonizar a sinfonia do Infinito. No encontro com o Mistério, está a súplica, o louvor, a ação de graças ao Pai-Mãe ou ao Nome-Inominável – Deus, que expressa o profundo objeto do desejo humano. Está o silêncio que tudo diz e tudo compreende no encontro com o Bem-

Amado. Mas se estão no início, também estão no meio e no fim. A mística perpassa toda a dinâmica de quem dialoga e se abre ao outro. É o encontro da experiência singular com a máxima Alteridade.

A dialogação espiritual e mística propicia outro momento prático: a dialogação fraterna, o desafio do encontro dos diferentes, a busca de unidade na pluralidade infinita de seres e formas, da imensa biodiversidade que cerca a todos. Será o segundo ponto do artigo.

Finalmente, a fraternidade, nascida de um sentido místico, transparece em ações, numa nova ética, a ética da vida, expressão de uma verdadeira religação cósmica que se concretiza efetivamente numa práxis democrática e integradora, numa democracia cósmica, que será o terceiro e último momento da reflexão. Mas tudo isso se retroalimenta novamente na Fonte inesgotável que interconecta tudo e todos: para dentro, para baixo, para os lados e para cima. E é cultivada pela atitude de dialogação orante e mística. Começo, meio e fim se reencontram: mística, fraternidade e ética são expressões de um grande sonho dialógico.

#### A DIALOGAÇÃO ESPIRITUAL: A ORAÇÃO E A MÍSTICA COMO PRÁXIS DO DIÁLOGO E DA RELIGAÇÃO ESPIRITUAL TEOANTROPOCÓSMICA

No ano da publicação de seu primeiro livro, 1971, Leonardo Boff aborda o tema da oração: **Oração no mundo secular**: desafio e chance. E começa dizendo que a oração “é um abrir o coração a Deus [...] um dialogar com Deus” ou “Orar é uma das formas de amar. Amar é buscar unidade” (BOFF, 1975, p. 26).

A oração brota de um encontro, um encontro amoroso que busca fazer unidade com Deus “não ao lado, dentro ou acima do mundo, mas justamente com o mundo” (BOFF, 1974, p. 83). Desde o início de suas reflexões teológicas, Leonardo Boff chama a atenção para a questão da dialética encarnatória: transdescendência-imanência-transparência: o mergulho-descida imanente, o sobrevôo transcendente, mas que se deixa transparecer. A oração deve estar integrada nessa dinâmica e numa práxis libertadora. Leonardo diz que toda “verdadeira libertação, na perspectiva cristã, arranca de um profundo encontro com Deus que nos lança à ação comprometida” (ZARVOS, 1991, p. 16).

Teologia da Libertação (TdL) é a teologia que surgiu na América Latina, na década de 60, que procura responder à questão: como ser cristão num mundo de miseráveis? Nasce da mística do encontro com Cristo nos pobres, se articula então na análise da realidade, interpretando-a à luz da fé e como práxis libertadora. Dentre seus expoentes podem ser citados: Gustavo GUTIERREZ, Leonardo BOFF, João Batista LIBANIO, Pablo RICHARD, Clodovis BOFF, José COMBLIN, Jon SOBRINO e muitos outros. Para introdução à TdL, cf. BOFF & BOFF (1986); LIBANIO (1987).

<sup>3</sup> Movimento de leigos que surge a partir da década de 20 (séc. XX), estimulado pelo papa Pio XI, preocupado com o processo de mudança provocado pela urbanização e industrialização. No Brasil a Ação Católica Geral (entre 1932 e 1950) se transforma em Ação Católica Especializada (1950 a 1960), trabalhando, principalmente, com a juventude agrária, estudantil, independente, operária e universitária (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC).

<sup>4</sup> Para aprofundar essa questão ver BAPTISTA (2001).

<sup>5</sup> Pode-se definir a concepção “teoantropocósmica” da seguinte forma: “o divino, o humano e o cósmico são três di-

mensões reais e diferentes que constituem a realidade” (cf. PANIKKAR, 1993, p. 69). Essas três dimensões formam um “todo orgânico, indivisível e por sua vez diferenciado”, uma unidade dinâmica que se articula.

<sup>6</sup> Sobre a mística, todo esse livro apresenta uma excelente reflexão. (Cf. também p. 52, 66, 84, 89, 93, 134 e 140).

Mas nos deparamos com uma realidade complexa: a realidade do Mistério e as representações ou traduções-imagens feitas desse Mistério. As diversas religiões elaboraram na história múltiplas imagens, mediações importantes, mas que não são o Mistério. Todas elas são relativas e “nenhuma delas detém o monopólio da experiência e de sua expressão” (BOFF, 1998b, p. 55).

Aqui surge um importante questionamento: como então é possível o encontro em nível da oração, como práxis do diálogo inter-religioso, se as representações religiosas são tão diferentes?

Leonardo diz que chegamos a Deus “por muitos caminhos” (BOFF, 1999e, p. 85-6).<sup>6</sup> Num dos textos mais interessantes de sua obra – **Atualidade da experiência de Deus** –, recentemente relançado com modificações – “**Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**” (BOFF, 2002), tema ao qual ele sempre se refere, Leonardo apresenta como conclusão a “Experiência de Deus no processo de vida-morte-ressurreição da linguagem”. Ele diz que, num “primeiro” momento, cada pessoa que vive a experiência do encontro com Deus, com o Mistério Inefável, interpreta-o pelos códigos culturais que possui. Cada um chama-lhe pelo nome de sua experiência religiosa (saber-imanência-identificação). Depois, na medida em que caminha nessa experiência espiritual, descobre que as imagens são insuficientes para representar a corrente que transborda desse encontro (“segundo” momento). Leonardo, citando a tradição Zen, mas que se aplica também a São João da Cruz, questiona as imagens e as experiências extraordinárias: “Se encontrares o Buda, não é o Buda; é apenas sua imagem. Mata a imagem para estares livre para o encontro com o verdadeiro Buda” (BOFF, 1999e, p. 84). Esse segundo momento é um momento de crise das representações, como uma “noite escura” em São João da Cruz (não saber-transcendência-desidentificação). Finalmente, no “terceiro” momento, há a reconciliação com as imagens, mas como forma de “saboreá-las”, livremente, como “andaimes”, mediações que ajudam a perceber e sentir a transparência de Deus em tudo e em todos (sabor-transparência-identidade) (BOFF, 1999e, p. 85). Conclui-se, dessa visão de Leonardo Boff, que não são as mediações que contam, que são importantes, mas o que elas propiciam: o deleite de estar diante do Amado.

A práxis do diálogo inter-religioso pelo caminho da mística e da oração tem, nessas idéias, um precioso itinerário. “Criar condições” para que as pessoas se coloquem diante da experiência de

Deus é um “primeiro passo” significativo. E a mediação teológica teoantropocósmica oferece um quadro aberto que favorece o resgate das grandes expressões religiosas. E o faz com “total respeito e liberdade”, pois aponta para o cerne, o centro, a fonte que gera o valor de toda a vida, seja humana, seja da natureza (“segundo passo”). E também ela sensibiliza para o “resgate do cuidado” que essa valorização desencadeia, em cada código religioso singular: a atitude acolhedora, compassiva diante dos que sofrem; a contemplação do belo, da beleza da biodiversidade e da multiplicidade de formas que encantam todos os sentidos; enfim, de todos os valores que promovem, louvam e elevam a vida, pessoal, social e cósmico-natural (“terceiro passo”).

Em recente entrevista, ainda não publicada, Leonardo diz que o diálogo inter-religioso deve partir do princípio “desconstrutivo, onde as religiões buscam a fonte originária delas. E quando [se está] na Fonte, o que conta é o testemunho de cada um. Cada qual testemunha o Inefável” (BOFF, 2000e, p. 7). Ele cita a experiência de diálogo de Thomas Merton: na primeira vez que Merton fez essa experiência no Oriente, percebeu uma total divisão entre as pessoas, pois cada uma queria apresentar sua concepção como a mais perfeita e verdadeira. Em sua segunda ida ao Oriente, teve uma experiência completamente diferente: prevaleceu o testemunho da experiência originária e uma enorme fraternidade entre todos, houve uma imensa celebração, uma grande experiência de oração.

Leonardo diz isso de uma outra forma: “A oração não é o primeiro ato que um homem faz. Antes da oração, há um choque existencial. Só então eclode a oração como consequência [...]” (BOFF, 1998d, p. 21). A teologia de Leonardo Boff, no paradigma ecológico, quer ser o grito profético que denuncia o (des)ligamento do ser humano com Deus e o cosmos, mas também o anúncio de um horizonte de encontro. A realidade denunciada fala por si e, em breve, produzirá mais “choque e pavor” do que já se está vivendo, seja em guerras, na fome e na miséria de milhões, nos desequilíbrios climáticos ou no surgimento de doenças e epidemias desconhecidas. A crise já produz o crescimento da sensibilidade religiosa. E a globalização possibilita que nos sintamos verdadeiramente numa grande família, participando das alegrias e sofrimentos *on line*. Ajuda o “encontro das tradições espirituais e religiosas [...], permite descobrir outras *vertebrações* (grifo nosso) do crístico [...]” (BOFF, 1999c, p. 137).

Mas o choque existencial que, certamente, mais provoca o ser humano na atualidade é a falta de “paz”. Há guerras “em nome da paz!”. Atentados terroristas, ameaça de explosões, insegurança, medo, egoísmo e inveja, desrespeito e toda forma de violência, tudo isso gera um sentimento, hoje globalizado: precisamos “de paz”. Leonardo apresenta três razões que estão na raiz dessa falta de paz (BOFF, 1999):

- a rivalidade e a inveja: nascidas pela dinâmica do desejo, de um “desejo mimético” (René GIRARDI). Esse processo faz surgir o “bode expiatório” como mecanismo para a descarga da frustração e numa forma mais elaborada transforma-se em leis e códigos de controle, os quais para conter a violência excluem e mantêm a dinâmica violenta;
- o desencontro entre a consciência e a morte: a luta entre *eros* e *thanatos* (na linguagem psicanalítica). As forças de morte buscam dominar a vida, gerando o medo e toda a cadeia de reações egoístas, possessivas, agressivas e violentas;
- a perda de (re)ligação com a Fonte originária – Deus: aqui está uma raiz que se “aprofunda” muito hoje e encontra diversas respostas através das experiências religiosas. O trauma que o choque existencial provoca pela falta de paz pode ser sanado pelo encontro espiritual com a experiência mística, com o esforço de acolhimento do Mistério que tem mil nomes e que se expressa de mil formas no cosmos e nas pes-soas. Ali está a paz verdadeira que responde às suas diversas aproximações: tranquilidade da ordem, equilíbrio de movimento, expressão da justiça, da concórdia e cordialidade (p. 44-59).<sup>7</sup> Resgatar isso é o desafio das religiões e caminhar nessa estrada é a perspectiva que se abre a cada um e às comunidades humanas de todo lugar (p. 33-43).

<sup>7</sup> Leonardo reflete sobre o que é a paz. Depois de passar por diversas aproximações daquilo que se almeja como sendo a paz, ele conclui com “a vossa paz”, a paz de Deus, que acolhe, cuida, perdoa, ama gratuitamente tudo e todos.

Francisco de Assis é aqui uma referência ecológica e também “transreligiosa”: vai ao encontro do outro e dialoga (em 1219 com o sultão Melek-el-Kamel); celebra a vida em todos os lugares e situações (crises, sofrimentos, alegrias, na contemplação da natureza); e se sente reconciliado com esse derradeiro limite, até na hora da morte, chamando-a de irmã (BOFF, 1999, p. 147; BOFF *apud* UNGER, 1993, p. 75-80; BOFF, 1995a, p. 309-333; BOFF *apud* LELOUP & BOFF, 1998, p. 27-47).

Para Leonardo Boff (1999d), a práxis da oração, da mística é o caminho “imprescindível no sentido de inaugurar ou pelo menos reforçar um novo paradigma civilizatório mais espiritual, mais compassivo, mais terno e fraterno [...] garantir um futuro promissor [...]” (p. 26). Mas esse caminho necessita de um itinerário. Boff (1996) aponta cinco etapas que podem ajudar no crescimento e na “alimentação” da vida espiritual:

- 1º) Reservar tempo para a contemplação e a meditação. É preciso achar o centro, saborear e “captar todas as energias interiores e sintonizá-las com as experiências e até intimidações que vêm do real” (p. 157). O conteúdo dessa meditação é a própria vida, mas pode ser estimulado por leituras de clássicos espirituais e dos livros sagrados como a **Bíblia**;
- 2º) Criação de um aparelho de conversa. A importância do grupo, da comunidade com a qual se partilha as idéias, valores, onde se é questionado e também se pode comunicar as experiências;
- 3º) Ter um lugar explícito para a oração. Nesse ponto, Boff não aprofunda muito o que ele entende por “lugar”, mas deixa claro que é preciso que as pessoas se sintam livres para se expressar: alegrarem-se, cantarem, chorarem, encherem-se de interrogações, saborearem o amor, sentirem-se plenificadas (p. 157);
- 4º) Celebrar. Na celebração há a união da pessoa e da comunidade, é o lugar da festa, do corpo, do encontro do “interior e o exterior, o sonho e a realidade, o distante e o próximo, o mundo e Deus” (p. 158-159);
- 5º) Viver tempos fortes e referenciais. Descobrir e resgatar a dimensão sacramental do tempo, das coisas, das circunstâncias e dos ambientes: “tempos-experiências valem como fontes que alimentam de húmus e seiva os dias áridos da rotina e dos afazeres da vida [ajudam a] manter a memória viva do mistério presente [...]” (p. 159).

É um rico itinerário que pode fazer com que essa “espiritualidade tão esquecida” (BOFF, 2000c, p. 25), “dimensão esquecida mas necessária” (BOFF, 1996, p. 23-25), responda à pergunta se será o “Século XXI: o século da espiritualidade?” (BOFF, 2000d, p. 22-24) e faça da mística a força “que salva o povo” (BOFF, 2000, p. 157-164), a “condição para uma vida integrada e singelamente feliz” (BOFF, 2000c, p. 25; cf. também BOFF *apud* LIMA, 1997, p. 21-29), um momento fundamental da práxis do diálogo inter-religioso teoantropocósmico. Mas, que outro tipo de “dialogação” pode nascer da mística?

<sup>8</sup> Para Leonardo, a compaixão é o centro da visão moral de Schopenhauer, o “princípio gerador de um sentido global da vida [...], a contribuição maior que o budismo ofereceu à humanidade. [...] virtude máxima [...] de Siddharta Gautama, o Buda”, cf. p. 15. No Budismo, ela (Karuna, segundo Leonardo) representa o encontro do desapego e do cuidado (p. 15-16). No Hinduísmo, aparece com o nome de *ahimsa*, que significa “não machucar [...] atitude de não-violência [...]” (p. 16). Boff faz uma referência importante sobre Gandhi: “foi o gênio moderno da ‘ahimsa’, mostrando sua eficácia nos processos de luta contra a opressão [...] como forma de fazer política, atitude amorosa para com o povo [...]”. Na tradição judaico-cristã, o termo que expressa compaixão é *rahamim* (misericórdia). Boff diz que esse termo “em hebraico significa ‘ter entranhas’ [...] sentir a realidade do outro, particularmente do que mais sofre [...]” (p. 16). Considera que é a misericórdia “a característica básica da experiência espiritual de Jesus. Ele unia a paixão por Deus à com-paixão pelos pobres. [...] A partir de sua experiência de Deus Pai-Mãe misericordioso, Jesus fundamenta sua ética de misericórdia” (BOFF, 2002, p. 16-17).

## A DIALOGAÇÃO FRATERNA: A FRATERNIDADE UNIVERSAL – A UNIDADE NA PLURALIDADE DA IMENSA BIODIVERSIDADE DE SERES E FORMAS

Da mística nasce um sentimento de encontro, de fraternidade. A própria mística é um diálogo e um encontro e quem experimenta o Mistério se transforma, transforma suas relações. Leonardo pensa que o diálogo inter-religioso começa pela mística e continua no “estar-com-o-outro”: “é resgatando o divino que você alarga a experiência do humano e trabalha com atitudes humanas: a reverência, o cuidado” (BOFF, 2000e, p. 8).

Vivendo na mesma casa-comum, interconectados e em interação constante, todos são filhos e filhas da mesma Fonte, todos são irmãos. Na experiência de tantos místicos – Buda, Francisco, Rumi, Eckhart, Gandhi –, encontra-se a práxis da amizade, da fraternidade universal e da compaixão (BOFF, 2001, p. 15-17).<sup>8</sup> De Buda herdaram-se inúmeros valores, como a compaixão; em Francisco de Assis, foi a irrupção “da ternura e do vigor”, ele vivia a “fraternura” com todos na experiência de seu encontro com Cristo; Rumi é o místico do amor; Eckhart conclamava ao total desprendimento como caminho para a unidade; Gandhi teceu os encontros, os laços que desuniam os povos indianos, libertando-os dos seus interesses menores e do jugo inglês. A mística, pois, produz irmãos e irmãs de tudo e de todos.

A razão e o sentir que fundam a dinâmica da complexidade que sustenta a vida revelam essa perspectiva dialógica e inclusiva: “Tudo que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infindável de relações inclusivas” (BOFF, 1996, p. 19).

Mas não é essa lógica que vigora nas relações da civilização com Deus e com o mundo. A sociedade mundial atual, com exceção das poucas comunidades que ainda mantêm suas tradições mais antigas, abertas e integradas à Transcendência e à natureza, construiu-se “contra a natureza” e gerou um enorme abismo entre classes, gêneros, raças e até culturas e religiões (BOFF, 1995a, p. 101-134; cf. também TURNER, 1990).

O símbolo da fraternidade é a comunhão, é a união das diferenças que, sem se negar, dão passos em direção ao encontro. Para Leonardo Boff (1998), a expressão máxima da comunhão chega ao ser humano na revelação da Trindade. Deus é comunidade, “a melhor comunidade”:



Se Deus significa três pessoas divinas em eterna comunhão entre si, então devemos concluir que nós também, seus filhos e filhas, somos chamados à comunhão. Somos imagem e semelhança da Trindade [...] somos convidados a manter relações de comunhão com todos [...] construindo uma convivência rica, aberta, respeitadora das diferenças e benéfica para todos. (BOFF, 1998, p. 25-26).

Se para o Cristianismo a Trindade é expressão de comunhão de Deus, na linguagem moderna da ciência que compreende a vida como totalidade-diversidade, interdependência-religação, complementaridade-reciprocidade e complexidade, a realidade também revela comunhão, uma imensa fraternidade.

As místicas orientais são experiências religiosas que sempre destacaram essa visão de totalidade e de comunhão de tudo: “o tu pode se unir a todas as coisas. E voltar a ser um com elas” (BOFF, 2002, p. 24). E as descobertas da ciência, a cada dia, sintonizam-se com a grande sabedoria milenar que aponta para a fraternidade cósmica. Há uma unidade na totalidade pluriforme dos seres. Mas essa unidade não nega a pluralidade e a imensa biodiversidade. A vida revela-se numa dinâmica na qual a totalidade interage com a diversidade. Os religiosos, os místicos chamam a isso de Deus. Outros se extasiam diante desse Mistério e não têm um nome para ele.

Isso tem provocado os próprios pesquisadores e cientistas, levando-os a relativizarem a visão reducionista que tem prevalecido na ciência, seja de corte positivista ou materialista. Não é mais possível pensar o mundo de forma utilitarista, como um objeto independente e fechado. O cosmos está vivo, a terra é um organismo biodiverso, resistente, mas sensível e limitado. A concepção de Deus que transparece das pesquisas cosmológicas e ecológicas e das diversas ciências encontra, na idéia de comunhão, sua melhor expressão:

Difícilmente algum ecólogo moderno poderia expressar melhor este jogo de relações, já que ele constitui a lógica básica da cosmogênese. Se Deus é comunhão e relação, então tudo no universo vive em relação e tudo está em comunhão com tudo em todos os pontos e em todos os momentos [...]. Pois é isso que os físicos quânticos, os representantes das ciências da terra no-lo repetem continuamente. (BOFF, 1995a, p. 240)

Curiosamente, o fundamento biológico da “persistência da vida”, contra todas as formas de catástrofes, foi a fraternidade, a solidariedade, a cooperação: “Não foi a luta pela sobrevivência

do mais forte que garantiu a persistência da vida e dos indivíduos até os dias de hoje, mas a cooperação e a coexistência entre eles (BOFF, 1999b, p. 110-112; 1996, p. 87). E o fundamento antropológico dessa concepção da “dialogação fraterna”, como práxis dialógica, maneira de ser humana, é conceber o ser humano como um “ser de abertura. É um ser concreto, situado, mas aberto. É um nó de relações, voltado para todas as direções” (BOFF, 2000b, p. 36). Essa expressão – “nó de relações” – Leonardo buscou no pensamento de Saint Exupéry: “nó de relações que, de círculo em círculo abarca todo o universo” (BOFF, 1980, p. 91-92). E esse “nó” só se realizará “na medida em que ativar todas as suas capacidades de comunicação, de relação e de religação” (BOFF, 1998c, p. 160). Pois, “Não existimos, co-existimos, com-vivemos e co-mungamos com as realidades mais imediatas. Sentimos nossa ligação fundamental como a totalidade do mundo” (BOFF, 1999b, p. 118, 123-126).

O livro **A oração de São Francisco**: uma mensagem de paz para o mundo atual é um hino à dialogação fraterna. É uma grande meditação tratando da paz (em diversos de seus matizes: na comunidade de irmãos, na sociedade de desiguais, com a natureza); da “con-cór-dia” e “cor-dialidade” (como “sin-fonia dos corações”); do amor (e da gratuidade de dar); da união; da solidariedade (na tristeza e na alegria); da consolação; da compreensão; do perdão; enfim, da oração que suscita a “fraternura” e a dialogação.

Concluindo esse segundo momento da práxis dialogal, merece ser citada uma passagem que traduz de forma lapidar a unidade e a pluralidade do cosmos, do ser humano e de Deus num imenso encontro teoantropocósmico:

Os seres humanos devem sentir-se filhos e filhas do arco-íris, os que traduzem essa aliança divina com Gaia e com todos os seres que nela existem e vivem, mediante relações novas de benevolência, compaixão, solidariedade cósmica e de profunda veneração pelo mistério que cada qual porta e revela. Só então o ser humano e a Terra se reconciliarão e viverão libertados. E em vez do grito do pobre e do grito da Terra haverá a celebração comum dos redimidos e dos libertos, os seres humanos em sua casa de origem, na boa, grande e generosa Mãe Terra. (BOFF, 1996a, p. 128)

A fraternidade cósmica nascida do encontro que a mística propicia, como práxis dialógica nutrida pelo Mistério que é Unidade-Comunhão, o Sentido Último, precisa se realizar como um

novo *ethos*, uma nova ética. Precisa informar os princípios, os critérios da ação que transformem as relações e a estrutura da civilização para que haja verdadeira (re)ligação e uma democracia cósmica. Que ética é possível no paradigma ecológico? Como a ética pode significar uma nova práxis que opere o encontro e o diálogo inter-religioso?

#### A ÉTICA DA VIDA: (RE)LIGAÇÃO CÓSMICA A DEFESA DA VIDA PLENA E A CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA CÓSMICA

A ética é um tema sempre presente no pensamento de Leonardo Boff. É a ética que irrompe como indignação diante da miséria e do empobrecimento da maioria dos povos e leva à ação libertadora. A Teologia da Libertação quer unir dois olhares: a fé e a práxis. Ilumina-se pelo ver, com os dados da realidade e das mediações das diversas ciências, julga essa realidade, interpretando-a à luz da fé, e busca ser eficaz numa ação transformadora (BOFF, 1976; 1978). Mas essa ética nasce de uma mística: “o encontro com o Senhor no pobre que hoje é toda uma classe de marginalizados e explorados [...]” (BOFF & BOFF, 1979; 1986).

A práxis do diálogo inter-religioso, na perspectiva do paradigma ecológico, nascida da mística e alimentada pelo encontro fraterno, deve passar necessariamente por uma nova ética. Não só o empobrecimento hoje gera o choque da indignação. O pobre continua a ser a maior vítima e quem precisa ser urgentemente libertado, mas essa sua condição é mantida ao lado da espoliação das condições básicas da vida na Terra. E o desequilíbrio ecológico, no seu sentido mais amplo, atinge primeiro aqueles que mais são vitimados pelo sistema antropocêntrico, andrógino, utilitarista, espoliador e excludente: os pobres e miseráveis, as mulheres, os negros, os doentes e os “produtivamente” considerados “incapacitados”.

A ponte entre a mística e a práxis pode ser indicada por um princípio: o “princípio com-paixão”. Para Leonardo, há três razões para se considerar a “com-paixão” um princípio de grande importância atual: “os milhões de pessoas vitimadas pela cruel competição do mercado globalizado; a crescente pobreza e exclusão social em nível mundial, e a sistemática agressão ao sistema Terra, que põe em risco o futuro da biosfera” (BOFF, 2001,

<sup>9</sup> Leonardo encontra essa posição em Tomás de Aquino na “Suma teológica II-II. Q. 30 a. 4c.”.

<sup>10</sup> Leonardo trabalha esse conceito a partir da ideias de Martin HEIDEGGER (1889-1976). Citando o livro **Ser e tempo** (2000, p. 243-300), BOFF diz que, para HEIDEGGER, “Em sua essência [...] ser-no-mundo é cuidado”. Destaca, ainda, a seguinte passagem: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”, Cf. também BOFF (1999b, p. 34), BOFF utiliza a fábula 220 de Higino, bastante analisada por HEIDEGGER, que aborda justamente o tema do “cuidado” (p. 45-68). O último livro de BOFF lançado em janeiro de 2001: **O princípio de compaixão e de cuidado** (p. 13-15) também aborda essa questão.

<sup>11</sup> Para Leonardo, *ethos* “no sentido originário grego, significa a toca do animal ou casa humana [...] aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar, fazer o nosso habitat”. E ele continua: “Temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber [...]. A casa humana hoje não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria-

p. 7). Segundo Boff, Tomás de Aquino considerava a compaixão a virtude mais humana, pois, “não somente abre a pessoa para a outra, mas porque a abre também para a mais fraca e mais necessitada de ajuda. Neste sentido, constitui uma característica essencial da Divindade” (BOFF, 2001, p. 10).<sup>9</sup>

Em seu livro **Saber cuidar**, Leonardo desenvolve uma longa e profunda reflexão sobre os fundamentos da nova ética. E um outro princípio importantíssimo aparece: o “cuidado”.<sup>10</sup> A nova ética deve ser construída a partir de um “novo *ethos* que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica [...]” (BOFF, 1999b, p. 27).<sup>11</sup> A consciência nascida dessa ética gerará um “novo encantamento” diante da Vida.

O “cuidado” com o fundamento ético articula um encontro teoantropocósmico: a terra (“dimensão material e terrenal da existência); o céu (“dimensão espiritual e celestial da existência”) e a história-utopia (“condição humana fundamental”) (BOFF, 1999b, p. 71-83). E ele se expressa como amor (o sentido de Deus para o Cristianismo, base da vida e da sobrevivência), como ternura (o afeto que une), a carícia essencial (a acolhida que gera confiança, integração), a cordialidade fundamental (o espírito de finura que une corações), a convivialidade (a capacidade de articular “efetividade e compaixão”), a compaixão radical (grande virtude budista que une desapego e cuidado, fazendo a re-liquidação) e uma regra fundamental – a justa medida (também forte na tradição budista), a busca do equilíbrio, “o ótimo relativo” (BOFF, 1999b, p. 109-128; cf. p. 71-83).

Para Leonardo, o cuidado funda o novo *ethos* e é a condição imprescindível para a nova civilização que está por vir. Pois é o cuidado que

Salvará o amor, a vida, a convivência social e a Terra. O novo milênio somente será inaugurado quando triunfar a ética do cuidado essencial, mesmo no século XXI adentro. Ao redor dos valores da justa medida, e do cuidado essencial, costurar-se-ão os pactos sociais e ecológicos que assentarão em bases firmes a nova sociedade mundial emergente. Ela está em dores de parto, forcejando para nascer em todas as partes do mundo. Um pouco mais, mais um pouco e nascerá, cheia de vida e de esperança. (BOFF *apud* ARAÚJO, 2000, p. 226)

A idéia de Deus como comunhão, como Totalidade que transparece na pluralidade de seres, oferece um modelo que repre-

senta o princípio do cuidado. Na teologia teoantropocósmica, a ética não se desvincula da mística. Na perspectiva ecológica, ela precisa “encontrar outra centralidade. Deve ser ecocêntrica, deve visar o equilíbrio da comunidade terrestre” (Boff, 1996, p. 35). Deve refazer a (re)ligação com a Fonte, de onde tudo jorra. Leonardo adverte que se a nova ética não se ligar a essa Fonte ela pode degenerar em legalismo, moralismo:

[...] se por detrás da ética não existe uma mística, uma espiritualidade, quer dizer, um novo acordo do ser humano para com todos os demais seres, fundando uma nova re-ligação (donde vem religião), há o risco de que esta ética degenera em legalismo, moralismo e hábitos de comportamento de contenção, e não de realização jovial da existência em relação reverente e terna para com todos os demais seres. (BOFF, 1995a, p. 24)

Para que a ética faça essa (re)ligação, é importante o papel das diversas culturas e tradições religiosas. Boff cita, como exemplos, o Hinduísmo, o Budismo, as tradições do Oriente e também o grande patrono da ecologia: Francisco de Assis. Outros personagens também são citados: Schopenhauer, Albert Schweitzer e Chico Mendes. Essas referências produziram, segundo Boff, uma “ética da compaixão universal”. O valor dessa ética é

a harmonia, o respeito e a veneração entre todos os seres, e não a vantagem do ser humano. Tudo o que existe merece existir e coexistir pacificamente. O princípio norteador desta ética é: “bom é tudo o que conserva e promove todos os seres, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos; mau é tudo o que prejudica, diminui e faz desaparecer os seres”. Ética significa a “ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive”. (BOFF, 1996, p. 35)

Há desafios urgentes na agenda da nova ética. Ela exige novas atitudes diante da crise que se vive. Leonardo apresenta seis aspectos “fulcrais” para que haja uma “atitude ética responsável” (BOFF, 1996, p. 128-130; 1999a, p. 90-93):

- 1º) humanização mínima: garantir o direito de o ser humano ter uma vida digna, acesso aos serviços e necessidades fundamentais;
- 2º) cidadania: gerar pessoas conscientes, que se organizem e lutem pelos seus direitos, tornando a sociedade democrática e participativa, sem exclusão, capaz de respeitar e se enriquecer com a pluralidade das idéias e das maneiras de ser humanas;

comum da humanidade” (p. 27). É importante apresentar, ainda, a definição que ele faz de moral: são “formas concretas pelas quais o *ethos* se historiciza; as morais são diferentes por causa das culturas e dos tempos históricos diferentes. Mas todas as morais remetem ao *ethos* do humano fundamental que é um só”, (p. 197). Num livro anterior, **A águia e a galinha**, Leonardo apresenta uma reflexão muito interessante sobre a “unidade complexa ética-moral”. Ali aparecem definições mais extensas e a distinção entre esses conceitos (cf. p. 90-96). Cf. também o excelente texto em BOFF (2000a, p. 33-48). Para maior aprofundamento, cf. um livro já clássico nessa questão, ver VAZ (1988).

- 3º) justiça societária: a construção do sonho da igualdade, garantindo a contribuição do cidadão e os frutos para ele e a sociedade;
- 4º) bem-estar humano e ecológico: o cuidado com a qualidade de vida para todos e a liberdade. A integração teoantropocósmica que restabeleça a aliança de Deus, ser humano e cosmos;
- 5º) respeito às diferenças culturais: garantir que todos possam interpretar o mundo, se expressar e comunicar a riqueza de sua criatividade, levando ao crescimento coletivo;
- 6º) reciprocidade e complementaridade cultural: além de respeitar e acolher o outro, é preciso saber partilhar, trocar experiências e colher os frutos da fantástica capacidade de criação humana.

Esses seis pontos sintetizam bem os “requisitos” mínimos para que se criem condições éticas para se enfrentarem os grandes desafios atuais. E para a práxis do diálogo inter-religioso, o sexto aspecto é fundamental, especialmente em face da crise de “plausibilidade” que muitos grupos vivem, gerando reações de fechamento (fundamentalismo) ou de indiferença (niilismo). Sem a consciência da reciprocidade e complementaridade, há espaço para reações prepotentes e que buscam reificar ou tomar a cultura como realidade imutável e fixista. Quando isso acontece, mantêm-se a dominação e o desrespeito pela alteridade.

Três questões principais precisam então ser repensadas com urgência: “a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica, todas de dimensões planetárias” (BOFF, 2000a, p. 13-21). E Leonardo apresenta seis tipos de respostas éticas que têm uma pretensão universal e podem oferecer uma resposta planetária: o utilitarismo social; as éticas do discurso comunicativo e da justiça; a ética baseada na natureza; a ética das tradições religiosas; a ética fundada no pobre e no excluído; e a ética da dignidade da Terra (BOFF, 2000a, p. 49-100).

Em todas essas concepções éticas ele encontra valores e patologias. Não cabe aqui trazer essa minuciosa análise. Mas como conclusão, ele afirma que todas contêm verdades, mas que não se esgotam em si mesmas, são limitadas. Por isso, a importância do grande “diálogo de todos com todos”, pois aí acontece, no conjunto, a complementação (BOFF, 2000a, p. 98).

Cuidado, solidariedade, responsabilidade, diálogo, compaixão-libertação e integração são “imperativos mínimos para uma

ética mundial” (BOFF, 2000a, p. 98); mesmo dando nomes próprios a diversas éticas, esses imperativos não podem ser vistos separadamente. Em síntese, “tudo se resume na busca ansiada da paz” (BOFF, 2000a, p. 107-125), que é sinônimo de integração, justiça, respeito “com as outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte” (BOFF, 2000a, p. 100).

O diálogo inter-religioso deve se realizar como práxis dialógica ética. Diante dos desafios globais, mas que atingem cada comunidade, urge dar um passo em direção ao encontro, ao diálogo com o outro, que em sua diferença é importante elo de complementaridade. Leonardo diz que o diálogo é “obrigatório de todos com todos”:

Essa unidade complexa, ao ser pensada e construída como projeto coletivo, não pode ter como referência única o modelo do ser humano ocidental, branco, adulto, científico-técnico, cristão, secularizado, mas deve incorporar outros elementos civilizacionais, como o multiétnico, o multireligioso, o feminino, os vários estados etários, entre outros. Mas fundamentalmente deve dar centralidade à questão ética e moral, pois como vimos, a Terra está ameaçada em seu equilíbrio ecológico (ecologia ambiental) e a maioria da humanidade sofre sob pesadas injustiças sociais (ecologia social). Importa construirmos uma civilização planetária que consiga inserir a todos, que impossibilite a bifurcação da humanidade (ecologia integral) e que mantenha unidos, conscientemente, os pólos da unidade e da diversidade como valores complementares (ecologia mental). (BOFF, 2000a, p. 29)

O horizonte utópico que se descortina da nova ética, nascida da mística e construída na dialogação fraterna, é construção da democracia cósmica, expressão do grande encontro de todos com todos e com o Todo. E Boff conclui em um de seus últimos livros, **Tempo de transcendência** (2000b), dizendo que “Quando acorrer, então ter-se-á inaugurado o novo milênio e nós, que tivemos participado das revoluções moleculares, surgiremos como cidadãos de um novo tempo, para a consciência, para a humanidade, para a própria Mãe-Terra” (p. 93).

Essa participação nas “revoluções moleculares”, no paradigma ecológico, resgata a opção pelos pobres da Teologia da Libertação, dando-lhe uma dimensão integral: “todos os pobres com todos os seus distintos rostos, e o grande pobre que é a Terra como Gaia, Pachamama e Grande Mãe” (BOFF *apud* SUSIN, 2000, p. 203). Leonardo conclama a todos a lutar por essa

libertação. Não se pode perder de vista as principais urgências e prioridades: libertar a terra, transformando o relacionamento para com ela; garantir a vida humana; combater o empobrecimento e a pobreza injusta, criando novas formas de sociabilidade que garantam a suficiência e a decência de todos; salvar a biodiversidade e garantir o equilíbrio e a sustentabilidade dos sistemas de vida; e garantir uma vida de qualidade a “toda a comunidade de vida (seres humanos e outros organismos vivos que constituem a comunidade biótica) no sentido de garantir o patrimônio natural e cultural comum para as gerações presentes e para as gerações futuras” (BOFF *apud* SUSIN, 2000, p. 204-205).

Dialogação mística, fraterna e ética: esse é um sonho que abre perspectivas, no paradigma ecológico, para um verdadeiro diálogo inter-religioso, um grande diálogo teoantropocósmico que terá, no arco-íris, um sinal que iluminará os caminhos daqueles que ousam voar como águias. Águias livres que ajudam águias transformadas em galinhas a alçar as alturas, mirar o novo horizonte e mergulhar de volta para cuidar do ninho-nicho que garante a Vida e torna todos irmãos, filhos do mesmo Mistério que alimenta a esperança da total transfiguração “do nó-de-relações-com-o-universo [...] na consumação do mundo. Só então Deus e Cristo serão tudo em todas as coisas (Col 3, 11; 1 Cor 15, 28) [...]” (BOFF, 1971, p. 331).

## ABSTRACT

This paper aims at responding to one of the great theological challenges at present: inter-religions dialogue. It focuses on the dimension of the praxis of dialogue, especially on Leonardo Boff's thought, identified as of 1992 according to a new paradigm – the ecological one. Dialogue as praxis is taken into account within the scope of a wide Theo-anthropo-cosmic encounter, articulating God, the Human Being and Nature. Such dialogical praxis comprises three moments: mystical or spiritual dialogue; fraternal dialogue; and the ethics of life. Those are not three separate moments: they are articulated and interconnected. They start and end with mystics, and they express themselves in being-with-the-other in fraternity and in the criteria for ethical thought and action.

Key words: Inter-religions dialogue; Praxis; Mystics; Fraternity; Ecology; Ethics.



## Referências

- ARAÚJO, Washington (Coord.). **Quem está escrevendo o futuro?** 25 textos para o século XXI. Brasília: Letraviva, 2000.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. **Diálogo e ecologia**: a teologia teoantropocômica de Leonardo Boff. 2001. 221f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – ICHL – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: a transparência de todas as coisas. Campinas: Verus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Princípio de compaixão e cuidado**. Colab. Werner Muller. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**; um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000a.
- BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**. O ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000b.
- BOFF, Leonardo. Espiritualidade: dimensão esquecida mas necessária. In: **Vida Pastoral**. Fascínio do Sagrado (I). São Paulo, Ano XLI, n. 212, maio/jun., 2000c, p. 23-25.
- BOFF, Leonardo. Século XXI: século da espiritualidade? In: **Vida Pastoral**. Fascínio do Sagrado (III). São Paulo, Ano XLI, n. 214, set./out., 2000d, p. 22-24.
- BOFF, Leonardo. Entrevista (não publicada), Araras, nov. 2000e, p. 7.
- BOFF, Leonardo. **A Oração de São Francisco**: uma mensagem de paz para o mundo atual. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999a.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- BOFF, Leonardo. El Cristo Cósmico: la superación del antropocentrismo. In: **Numen**. Juiz de Fora, v. 2, n. 1, jan./jun. 1999c, p. 125-139.
- BOFF, Leonardo. Formas de experimentar Deus hoje. In: **Vida Pastoral**, v. 40, n. 207, jul./ago. 1999d, p. 23-26.
- BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **A águia a galinha**: uma metáfora da condição humana. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1998a.
- BOFF, Leonardo. **Nova era**: a civilização planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998b.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**: o simbólico e o diabólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998c.
- BOFF, Leonardo. **Pai-nosso**: a oração da libertação integral. Petrópolis: Vozes, 1998d.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1996.

- BOFF, Leonardo. **Teologia da Libertação**. Balanço e perspectivas. São Paulo: Ática, 1996a.
- BOFF, Leonardo. **Princípio-terra**. A volta à terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.
- BOFF, Leonardo. **Dignitas terrae**. Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995a.
- BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOFF, Leonardo. **A fé na periferia do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOFF, Leonardo. **Atualidade da experiência de Deus**. Rio de Janeiro: CRB, 1974.
- BOFF, Leonardo. O sentido antropológico da morte. In: **REB**, Petrópolis, v. 31, n. 122, jun. 1971, p. 306-336.
- BOFF, L.; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999e.
- BOFF, L.; BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, L.; BOFF, Clodovis. **Da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, L. *et al.* **Oração no mundo secular**: desafio e chance. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JOÃO PAULO II. **Ut unum sint**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LELOUP, J., BOFF, L. **Terapeutas do deserto**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LIMA, Lise M. A. **Espírito na saúde**. 2. ed. Ed. Petrópolis, Vozes, 1997.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e práxis histórica**. São Paulo: Ática, 1995.
- PANIKKAR, R. La vision cosmoteándrica: el sentido religioso emergente del tercer milênio. In: **Selecciones de Teologia**, v. 32 n. 115, jan./mar. 1993, p. 63-72.
- SUSIN, Luiz C. (Org.). **Sarça ardente**. Teologia na América Latina: prospectiva. São Paulo: Paulinas, 2000.
- TURNER, F. **O espírito ocidental contra a natureza**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- UNGER, N. **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola, 1993.
- VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- VAZ, Henrique Cláudio de L. **Escritos de Filosofia II**. São Paulo: Loyola, 1988.
- ZARVOS, C. *et al.* (Comp.). **Seleção de textos espirituais**. Petrópolis: Vozes, 1991.